

A NARRATIVIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA À LUZ DA SEMIÓTICA: A FRONTERA IDENTITÁRIA DE GLORIA ANZALDÚA

Thami Amarilis Straiotto MOREIRA (PG/UFG)
thamiamarilis@yahoo.com.br
Elza Kioto Nenoki MURATA (Orientadora)

Palavras-chave: Fronteira – Identidade – Semiótica.

Introdução

Os estudos linguísticos ao descentralizarem a atenção, voltada principalmente para a frase, avançaram na descoberta de outros campos de estudos. Isso ocorreu devido a ajuda dos estudos semânticos que ressurgiram nos anos sessenta, apontando a forma precária e simplista com que a linguística trabalhava a língua até então. A semântica, ao fazer do *sentido* uma preocupação relevante para os estudos linguísticos, fez com que outras formas de uso e manifestação da língua ganhassem espaço e atenção, como o texto e o discurso.

Qualquer texto possui “manifestações ondulatórias insólitas” (GREIMAS, 1993, p. 15) que fazem parte do seu discurso. Tais ondulações geram tensões que não podem simplesmente ser explicadas de maneira superficial e nem ao menos deixadas de lado. Pela confusão que elas causam, devido ao modo de tratamento comumente recebido da linguística textual, outra maneira de análise deve ser investida; uma maneira que consiga captar as ondulações do texto e apreender seus sentidos e sua importância para a construção dos mesmos. Isso porque é justamente nessas tensões inarticuladas que aparece pela primeira vez o sujeito operador, o que começa a manipular com discrição os primeiros sentidos do texto.

Chegar a esse nível de análise discursiva é o que a teoria semiótica de Greimas (1993, p. 16) indo mais além do superficial, propõe que “a teoria semiótica obriga-se a repercuti-las e a procurar resolvê-las no nível epistemológico profundo.”. Portanto, a semiótica propõe um *retorno crítico* sobre a análise com o intuito de dar coerência ao estudo e considerar a existência de um sujeito operador que produz as primeiras articulações de significado. Esse é o princípio para se chegar às “condições de produção

e captação da significação; [pois] trata-se agora de conhecer e de realizar um esboço das *precondições* prévias ao surgimento das condições propriamente ditas.” (op. cit., p. 16).

Uma *fronteira* e uma *mulher*: um objeto de estudo

Como *corpus* teórico desta pesquisa foi escolhido o livro *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, de Gloria Anzaldúa. Ela é *chicana* nascida nos Estados Unidos, mas de origem mexicana e é considerada uma das maiores estudiosas da Teoria *Queer* e da Teoria Cultural de Chicago. Além disso, possui vários livros publicados e dentre eles o mais conhecido é *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, pois nele contém o relato de sua vida e seu crescimento na fronteira entre o México e os Estados Unidos, e por esta obra incorporar os sentimentos mais profundos sobre a marginalização social e cultural da autora.

O viver em fronteira fez com que as relações entre a sua nacionalidade, isto é, o país em que ela nasceu e os países que fazem fronteira com ele se tornassem conflituosas e complexas, ou antes, como ela mesma afirma, não é uma questão de nacionalidade e sim de raça.

Mas eu me identifiquei como “*raza*” antes de ter me identificado como “*mexicana*” ou “*chicana*”. (...) *Nosotros los chicanos* temos um pé em cada lado das fronteiras. De um lado, somos constantemente expostos ao espanhol dos mexicanos; do outro lado, escutamos a reclamação incessante dos anglos para que esqueçamos nossa língua. (PINTO; SANTOS; VERAS, 2009, p. 315).

Antes de afirmar ser de algum país Gloria Anzaldúa entende que a sua questão não refere-se a nacionalidade, e sim a raça.

A teoria semiótica como base de análise discursiva

O discurso é uma produção do sujeito da enunciação, sendo que é este o sujeito manipulador do discurso que tem como intuito persuadir seu enunciatário, fazendo-o acreditar nos valores de verdade que o texto quer passar. Por isso, o sujeito da

enunciação faz escolhas, referentes aos “actantes e as coordenadas espaço-temporais” (BARROS, 1990, p. 54) visando a projeção de seu discurso; quer dizer, visando os efeitos de sentido que ele deseja promover.

A análise semiótica acredita que a apreensão do discurso acontece através de um processo que é denominado por ela de *percurso*, pois para a construção de sentido do discurso é necessário partir primeiramente do texto; tal percurso semiótico de análise é chamado de *percurso gerativo do sentido*. Este percurso é formado por três níveis, que podem ser também chamados de estruturas, dispostas como: o primeiro, chamado de *nível fundamental* ou *estruturas fundamentais*; o segundo, conhecido por *nível narrativo* ou *estruturas narrativas*; e o terceiro que é o *nível do discurso* ou *estruturas discursivas*.

No nível das estruturas fundamentais “é preciso determinar a oposição ou as oposições semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto.” (BARROS, 1990, p. 19). No texto de Anzaldúa do livro *Borderlands/La Frontera* (2007), encontramos no nível fundamental como oposições, que formam a categoria semântica fundamental do texto: *fronteira versus centro; mestiçagem versus pureza*. Tal oposição se manifesta de várias formas, dentre as quais podemos citar algumas: “Eu sou uma mulher na margem. Eu cresci entre duas culturas (...) Eu tenho transitado na margem *tejas*-México, e outras, por toda minha vida.”¹ (ANZALDÚA, 2007, p. 19).

O segundo nível é o das estruturas narrativas, neste nível “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças a uma ação também de sujeitos.” (BARROS, 1990, p. 11). Agora a análise muda, deixa de ser sobre o conteúdo do texto e sobre o que se tem e o que se perde – que no texto estudado são a mestiçagem e a pureza –, e passa a ser sobre a ação que o sujeito do texto promove. O sujeito que temos neste texto é Gloria Anzaldúa e todas as vozes que ela recupera como citações e como terceira pessoa. Anzaldúa é o sujeito principal, é por causa dela que a história existe, ela decide contar sua existência como mestiça e isso está inclusive no título do livro, *Borderlands/La Frontera*, não apenas evidenciado em palavras, como também na mistura de dois idiomas, inglês e espanhol.

Neste segundo nível é que acontece a polêmica. As oposições de valores contrários são sincretizadas por Anzaldúa, o sujeito principal e narrador da história, na medida em que ela recupera as vozes tanto de outras pessoas que também vivem na fronteira quanto de pessoas que discriminam os mestiços por serem consideradas

¹ Todas as traduções são de minha responsabilidade.

“puras”. Anzaldúa e os outros sujeitos do texto, que são trazidos por ela, operam a narrativa gerindo as oposições e provocando estados de euforia e disforia.

Por fim, temos o último nível, das estruturas discursivas, que é a análise das relações existentes entre a enunciação e o texto enunciado. Vimos anteriormente que a enunciação corresponde à produção e comunicação do discurso, constituindo-se assim a parte mais importante para a semiótica. Esta parte da análise busca os recursos discursivos, que são escolhas que o sujeito da enunciação projeta na narrativa para produzir os efeitos de sentido. São os recursos discursivos os responsáveis pela promoção da ilusão de verdade e são chamados de *desembreagem*.

A enunciação é a instância intermediária que faz a conexão entre a narrativa e o discurso, e pode “ser reconstruída a partir das ‘marcas’ que espalha no discurso.” (BARROS, 1990, p. 54). O enunciador não precisa ser necessariamente o narrador do texto, ter um enunciador diferente do narrador é um recurso discursivo bem utilizado para produzir o efeito de distanciamento do discurso, efeito chamado de *desembreagem enunciativa*. O efeito de distanciamento provoca a ilusão de objetividade e neutralidade discursiva, que é um modo de produzir o efeito de verdade. Geralmente, este recurso de distanciamento recorre à terceira pessoa e é muito utilizado, por exemplo, pelos jornalistas.

Em contra partida, temos o efeito de aproximação chamado de *desembreagem enunciativa*, que utiliza a primeira pessoa para fabricar a ilusão de verdade mediante a narração dos fatos vividos pelo narrador do texto. A veracidade, neste recurso, deve-se ao fato de que o narrador é a própria pessoa que os viveu. Ainda em um texto narrado em primeira pessoa podem existir vozes na terceira pessoa que se intercalam à voz do narrador. Como nos explica Barros (1990, p. 57-58):

O narrador é delegado da enunciação no discurso em primeira pessoa. O sujeito da enunciação atribui ao narrador a voz, isto é, o dever e o poder narrar o discurso em seu lugar. Assim instalado, o narrador pode, por sua vez, ceder internamente a palavra aos interlocutores. A delegação interna de voz é outro dos recursos discursivos de produção de efeitos de sentido.

No livro *Borderlands/La Frontera*, há a projeção de um narrador na primeira pessoa do singular, *eu*, que neste caso é Gloria Anzaldúa, a própria autora do livro. Este recurso promove o efeito de aproximação que produz outro efeito, o de subjetividade. O

efeito de subjetividade cria a ilusão de que o sujeito que narra os fatos é quem os viveu, e mesmo que estes fatos sejam parciais ela é o sujeito da experiência, portanto o sujeito com maior autoridade para contar sua própria história.

Gloria Anzaldúa quer assegurar que o seu discurso é verdadeiro, e para isso ela utiliza a sua própria voz para contar suas experiências. Se Anzaldúa é a “delegada da enunciação do discurso em primeira pessoa”, como diz Barros (1990, p. 57), então é exclusivamente ela quem pode conceder a voz a outras pessoas, com o intuito de promover outros efeitos de sentido para a criação da verdade; e outras vozes aparecem em seu texto, como a de Violeta Parra no fragmento “Entonces corre la sangre/no sabe el indio que hacer,/le van a quitar su tierra,/la tiene que defender”, (ANZALDÚA, 2007, p. 28), que serve como uma confirmação da narrativa de Anzaldúa.

Considerações Finais

Portanto, o percurso gerativo se desenvolve através das estruturas fundamentais que descobrem os conteúdos do texto e gerando valores narrativos, transformados em valores no segundo nível, e que serão negociados, neste mesmo nível, pelos sujeitos do texto através de suas ações. Após ter havido a negociação dos valores entre os sujeitos, o último nível se transformará em temas diversos, até então camuflados em figuras no texto e que serão descobertos e analisados por meio do discurso.

Referências:

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 3ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

PINTO, J. P.; SANTOS, K. C.; VERAS, V. Como domar uma língua selvagem – Gloria Anzaldúa. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: difusão da língua portuguesa, Niterói*, n. 39, p. 305-318, 2º sem, 2009.